

# LINGUAGEM, TELEVISÃO, ESCOLA E FAMÍLIA

## LANGUAGE, TELEVISION, SCHOOL AND FAMILY

*Patricia Maestrini Allodi\**

### ■ RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo estudar a relação entre linguagem, televisão, escola e família no desenvolvimento da criança da era tecnológica e da mídia.

Para tanto, buscamos diferentes autores que se aprofundaram neste tema.

Verificou-se, pela literatura, que a televisão tem muito mais aspectos negativos do que positivos: por exemplo, a violência televisiva e as transformações comportamentais como a passividade, a diminuição da capacidade de concentração e atenção, e a perda do espírito crítico e do raciocínio, transformações estas que devem ser consideradas.

Uma importante observação é que a linguagem realmente sofreu alterações devido à influência da linguagem audiovisual, tendo como as principais modificações: redução do vocabulário, desprezo pela escrita e envolvimento emocional que está acima do racional e do lógico.

Os autores pesquisados acreditam que a família tem papel importante como mediador dos fatos televisivos e o impacto causado nas crianças.

Além disso, acreditam que a escola e a televisão não devem se opor, mas devem, sim, ser práticas complementares para que o processo ensino-aprendizagem seja mais motivador para as crianças da era da mídia e tecnologia.

*UNITERMOS:* linguagem, televisão, escola e criança.

### ■ SUMMARY

This research had as objective the relationship between language, television, school and family in the child development on the technology age and media environment.

For that, some writers that went deeply on this issue, were read.

According to the ressered to literature the television's programs have more negative aspects than positive aspects for example the violency and behavior changes like passivity, concentration and attention capacities impairment, and loss of critical and logical mind, which has to be considered.

The most important point is the changing suffered by the language due to audiovisual influence being the main alterations: vocabulary reduction, less attention for writting and the emotion environment beyond the racional and logical mind.

The writers researched believe that the family acts as an important element between the television's programs and their influence in children.

Besides that they believe that school and television can't be on opposite sides, but be complementary by and together to motivate the children on the teach-learning process.

*KEY WORDS:* language, television, school and child.

---

\* Fonoaudióloga Clínica formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com Especialização em Linguagem pelo CEFAC — Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica.

**Orientação:** Profa. Dra. Mirian Goldenberg.

## ■ INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da televisão, por volta de 1926, vários estudos foram realizados com o intuito de perceber e detectar seus efeitos sobre a população e as consequências trazidas por ela, como mudanças de hábitos e comportamentos.

No entanto, hoje em dia, com a evolução das cidades, o aumento da violência, a falta de espaço físico domiciliar, entre outros fatores, a televisão passou a ser uma forte aliada na vida familiar, principalmente em relação às crianças que passam horas do seu dia em frente à telinha e assistem a todos os programas, sem exceção.

Um dos acontecimentos que incentivou este estudo, por mostrar como as crianças assimilam rapidamente e passam a ser um meio de propagação da informação/propaganda, foi o exemplo de uma mãe que estava repreendendo o seu filho, quando este a interrompeu e disse:

– “Isso não é importante, o importante é que o Banco Real dá dez dias sem juros.”

É importante refletirmos sobre a televisão, que está cada vez mais ocupando espaço dentro dos lares, e provavelmente ocupará ainda mais, pois as invenções ao redor dela são muitas: coloridas, de muitas polegadas, à cabo, de alta resolução, entre outras.

Saliento que, desde pequenas, as crianças começam a se habituar com a televisão, em um período importante de desenvolvimento neuropsicomotor e de linguagem.

A linguagem merece uma atenção especial, não só em termos de desenvolvimento e falhas, mas também no que se refere às influências e estímulos sobre ela.

Desta forma, esta pesquisa pretendeu estudar a relação entre linguagem, televisão, escola e família no desenvolvimento da criança da era tecnológica e da mídia.

Para tanto, considerando o objetivo desta pesquisa, utilizei da bibliografia sobre o tema, que representa uma fonte estável de informações, para entender as questões levantadas e para buscar evidências que fundamentem as afirmações e declarações utilizadas neste trabalho.

## ■ DISCUSSÃO TEÓRICA

Este capítulo tem a preocupação de discutir cada um dos temas envolvidos nesta pesquisa: a televisão, a linguagem, a escola e a família, destacando os aspectos mais importantes, tentando desenvolver a relação existente entre eles.

### Televisão

Todas as culturas têm seus próprios meios de comunicação e transmissão de conhecimentos, mitos e lendas (SILVERSTONE, 1994).

Antigamente, as pessoas usavam a linguagem oral ou o desenho como meio de comunicação. Hoje, com os avanços tecnológicos, a transmissão da cultura é feita em uma roupagem moderna, através do meio mais popular, a televisão, que é uma representação através de imagens. É a união do verdadeiro, do imaginário e do real no presente (BERGER, 1979; SILVERSTONE, 1994).

A função principal da televisão é traduzir para o público aquilo que lhe é estranho. Além disso, tem como função “rearranjar” as situações sociais, políticas e econômicas embaralhadas apresentando, através de personagens ou programas, “uma sabedoria maior e uma síntese de valores acima do conflito bipolar” (SILVERSTONE, 1994, p. 52).

O mesmo autor relata que a função mais questionada da televisão é o fato dela transformar as tradições míticas em ideologias. Assim, no momento em que a televisão torna uma visão mundial em natural, toda informação nova será colocada nessa nova estrutura.

Para EURASQUIM et al. (1983) o controle ideológico, assim como a propaganda e o estímulo ao consumo, são objetivos dos meios de comunicação.

Em particular, a televisão, segundo MORAN (1991), é um meio de comunicação que conseguiu unir diversão, informação e alimenta o consumo, interligando, assim, ficção, informação e publicidade.

### Televisão e Criança

Segundo PORTO (1995), na sociedade moderna a televisão é assistida pela quase totalidade das crianças. Deste modo, ela pode ser considerada como uma realidade, e não há como ignorá-la.

A mesma autora complementa ainda que a televisão faz parte da família, mantém vínculos constantes, ou seja, participa da vida familiar, e muitas vezes, dependendo da programação e dos interesses, até inibe o diálogo entre os familiares.

Portanto, devemos conhecer melhor a televisão e nos conscientizarmos dos significados veiculados por ela para que possamos evitar eventuais males que, porventura, possam surgir pelo seu uso indiscriminado (PORTO, 1995).

É importante destacar que, ao mesmo tempo que a televisão reduz oportunidades da criança em estabelecer relações, não requer participação dela, limita a criança a um determinado espaço e exclui a atividade física essencial para o seu desenvolvimento. É assistindo televisão que a criança passa mais horas, desde o início de sua vida consciente, numa fase de desenvolvimento mental e físico, e formação de hábitos e atitudes (EURASQUIM et al., 1983).

Os mesmos autores relatam que as crianças que já nascem com televisão em casa ficam mais vulneráveis a se tor-

narem teledependentes, ou seja, é aquela criança que passa a maior parte do seu tempo assistindo televisão. Hoje em dia é muito mais fácil a criança se tornar um teledependente, favorecida pela vida moderna, correria, falta de espaço externo, além de a televisão ser, de certa forma, uma opção barata de entretenimento.

BALTAZAR (1991) relata que alguns estudos norte-americanos concluíram que o hábito de assistir televisão pode prejudicar o desenvolvimento cognitivo da criança, uma vez que oferece uma aprendizagem aparentemente facilitada, com estímulos que sensibilizam a audição e a visão, mas que não facilitam processos mais complexos que exigem da criança, por exemplo, elaboração e noção de tempo.

CARMONA et al. (1996) ressaltam o fato de as crianças se envolverem de forma diferenciada com os programas de televisão, diferente de como os adultos acham que deveria ser.

Na verdade, temos que diferenciar dois processos: recepção e percepção.

Recepção é o processo pelo qual recebemos algo, ou seja, reagimos a partir do momento que recebemos os estímulos. No entanto, de acordo com BALTAZAR (1991, p. 14) “percepção é o processo pelo qual tomamos consciência imediata de objetos e fatos e suas relações num dado contexto.” A percepção depende não apenas dos nossos sentidos, mas também dos interesses pessoais, assim, a percepção é sempre uma interpretação subjetiva de um fato.

Para a mesma autora, enquanto os adultos utilizam de toda a percepção (emocional e racional) para analisar fatos e pessoas, as crianças não utilizam, pois ainda dependem muito de sinais concretos. A preocupação maior é saber-mos como e quando a criança consegue distinguir o que é real e o que é pretendido como real na televisão.

BALTAZAR (1991) acredita que a criança sente dificuldade em diferenciar o que é real e o que é fantasia, embora esteja em pleno desenvolvimento cognitivo, pois a televisão não apresenta a fantasia de modo diferente da realidade: tudo é espetáculo.

Isto quer dizer que a percepção também está relacionada com a auto-imagem, ou melhor, a “imagem refletida no espelho da tv”. Devemos pensar como a televisão pode influenciar a identidade da criança através de como ela percebe os personagens e os fatos transmitidos (BALTAZAR, 1991, p. 18).

A mesma autora destaca que, em diversas etapas do desenvolvimento infantil, a família e a escola são modelos ideais de valores e atitudes, mas quando estes agentes primários apresentam-se de forma contraditória, os agentes secundários, como a televisão, tornam-se os modelos a

serem seguidos e, portanto, desempenham função na formação da identidade da criança.<sup>1</sup>

Assim, o papel dos pais e da família é primordial, uma vez que eles devem ser mediadores da televisão e também amenizar os conflitos que a criança, porventura, possa estar sofrendo (BALTAZAR, 1991).

Ainda de acordo com a mesma autora a televisão não só exerce a função de aliviar angústias, como também exerce a função educativa e cita que, quando a criança observa animais rebeldes, com atitudes inconseqüentes, e são levados para a sua jaula, pode inferir uma reflexão na criança sobre seu próprio comportamento e que conseqüências isso pode acarretar.

CARMONA et al. (1996) recomendam que a programação infantil deve investir na “pluralidade de linguagens, riqueza e variedade de gêneros e conteúdos,” principalmente em aspectos que favoreçam o desenvolvimento das crianças.

Não é demagogia, mas temos que pensar que um dia crianças já viveram sem televisão, e temos que encarar que houve, sim, uma transformação na infância regida pela televisão (EURASQUIM et al., 1993).

FERRÉS (1996) concorda com o fato de que a televisão está conduzindo o desaparecimento da infância, uma vez que oferece, de forma indiscriminada, a informação antes só reservada aos adultos.

Segundo o mesmo autor, outras modificações também estão ocorrendo, como a modificação dos processos mentais, a linguagem e a primazia do aspecto sensitivo sobre o intelectual.

## Aspectos Positivos e Negativos da Televisão

MORAN (1991) destaca que a capacidade que a televisão tem de estabelecer relações agradáveis, sedutoras e envolventes, não pode ser explicada só pela tecnologia, mas pela facilidade que essa indústria tem de captar as necessidades e anseios do público. Deslumbra, fascina, diverte e manifesta sua força de apresentar e representar o mundo.

O poder de fascínio da televisão pode ser explicado pelo fato dela cumprir todas as funções de um espetáculo,

1. Os agentes sinalizadores dividem-se em: agentes primários e agentes secundários. Os agentes primários são aqueles que fornecem informações sociais: fatos, valores, idéias. São agentes primários os pais, família, escola e instituições religiosas. Nos agentes secundários incluímos todos os meios de comunicação de massa. São os agentes que fornecem informações que podem prover e contribuir para a informação da pessoa, mas não podem transformá-la em ação.

ou seja, o telespectador tem gratificações sensoriais, mentais e psíquicas (FERRÉS, 1996).

O autor supracitado revela que as gratificações sensoriais acontecem pelos estímulos sonoros e visuais fornecidos pela televisão, pelos personagens sedutores que aparecem, cenários exóticos, entre outros. As gratificações mentais acontecem porque a televisão utiliza-se de fábulas e de fantasias. As gratificações psíquicas, por outro lado, acontecem graças a dois mecanismos psicológicos pelos quais o telespectador se integra com o espetáculo: identificação e projeção. A identificação acontece quando o telespectador considera o personagem como reflexo da sua própria vida. No entanto, a projeção é produzida quando o telespectador coloca seus sentimentos nos personagens: ódio, desejo, compaixão...

PORTO (1995) acredita que grande parte da população só tem acesso ao mundo pela televisão, e isto está provocando uma mudança nos conhecimentos e percepções deste mundo.

Outro aspecto positivo apontado por EURASQUIM et al. (1993) é que a televisão é uma opção barata de entretenimento. Contudo, como foi discutido anteriormente, citado por BALTAZAR (1991), a televisão tem como função não apenas o entretenimento, mas também a função educativa, que não podemos deixar de considerar como um aspecto positivo.

Há uma polêmica entre os autores. Enquanto que para BABIN & KOULOUMDJIAN (1989) a televisão evidencia desigualdades entre as crianças, para FERRÉS (1996) a televisão produz igualdades. Os primeiros autores defendem essa opinião, pois a criança que recebe em casa uma linguagem mais elaborada, tem mais facilidade de entender a linguagem televisiva, aquela que não tiver, vai ter que se arranjar. Para FERRÉS (1996), a televisão produz igualdade entre as pessoas, uma vez que transmite tudo a todos, não limitando a experiência a ninguém.

Por outro lado, são inúmeros os aspectos negativos destacados pelos autores, como a hiperestimulação sensorial destacada por FERRÉS (1996), que acontece pela aceleração cada vez maior de mudanças de imagens.

BABIN & KOULOUMDJIAN (1989) criticam a mídia, pois ela pode ser uma poluição por excesso de informação, vê-se e ouve-se de tudo, sem ordem, sem análise, sem contexto, de maneira sucessiva e fragmentada, na qual os fatos multiplicam-se e o significado se perde.

Os mesmos autores descrevem as principais mudanças apontadas pela cultura tradicional à nova geração (após 30 anos de impregnação da televisão, cinema e outros aparelhos eletrônicos): queda do nível de inteligência menos capacidade de concentração, passividade, perda da memória e o sentido das coisas importantes, perda do raciocínio e do espírito crítico, fala-se sobre tudo, mas nada se sabe.

No entanto, a questão da passividade imposta pela televisão é muito questionada, e a maior parte dos estudos mos-

tra que é impossível definir claramente que a televisão torne passivo o espectador. Os estudos mostram que, embora modificados, a iniciativa e a imaginação permanecem (BABIN & KOULOUMDJIAN, 1989).

Os mesmos autores destacam um estudo inglês que classifica a passividade de crianças em diferentes categorias:

- hipnose da criança diante da tela;
- visão da vida fabricada pelas mídias;
- perda da iniciativa, insensibilidade, imaginação enfraquecida.

Para estes mesmos autores a mídia pode ser responsabilizada por um terço da passividade, e o restante é o ambiente social e educativo pouco personalizado.

EURASQUIM et al. (1983) também citam estudos científicos sobre mecanismos cerebrais da percepção que comprovam que o simples fato de se posicionar em frente à tela, desvinculado do conteúdo, é algo prejudicial, criador de dependência, com efeitos hipnóticos.

FERRÉS (1996) destaca que a televisão favorece um tipo de conhecimento dispersivo, incoerente, sem contexto, pois se caracteriza pela desordem, dispersão, desconexão. Por exemplo, um noticiário destaca a crise econômica e é interrompido para apresentar propagandas que incentivam o consumo. Além disso, proporciona uma visão fragmentada da realidade, pois faz montagens e não tem uma continuidade narrativa.

Segundo BABIN & KOULOUMDJIAN (1989), o que se percebe é que o homem da era da mídia, quando é chamado a julgar pessoalmente uma obra, não consegue fazê-lo, pois “expõe-se ao risco de perversão do raciocínio, por invasão da afetividade,” ou seja, o afetivo atrapalha uma abordagem objetiva. É um indivíduo que não consegue fazer dissertação pois, no universo audiovisual, o raciocínio é estético, integrando a imaginação e a afetividade (p. 35).

BALTAZAR (1991) destaca que alguns professores reclamam de respostas vagas de seus alunos. O que acontece é que a criança/jovem tem em sua mente a imagem visual do que ele se propôs a falar, (a televisão tem a palavra acompanhada da ação, da imagem), mas a linguagem verbal não, portanto, exige respostas completas que transmitam a mensagem explicitamente.

BABIN & KOULOUMDJIAN (1989) consideram que é impossível dizer que as relações que se estabelecem na televisão entre som — imagem — música, ou ligação dos planos, não siga uma lei ou uma lógica. É possível que não seja a mesma da escrita, mas tem que existir um raciocínio. O raciocínio pode ser diferente, mas não pode estar ausente.

## Violência na Televisão

Para FERRÉS (1996), a questão da violência na televisão é um dos temas mais polêmicos que a envolve, fazendo com que educadores e pesquisadores não entrem em acordo a respeito disso.

EURASQUIM et al. (1983) discutem que a televisão pode ser um meio de transmitir muita violência para a criança. Segundo eles, alguns estudos mostram que a agressividade das crianças aumentou e contribuiu para o mal comportamento escolar.

Para estes autores, os pais deveriam buscar compreender e discutir criticamente com seus filhos os conteúdos televisivos, pois é um dos meios de filtrar o conteúdo que manipula a realidade.

Segundo CARMONA et al. (1996), precisaríamos ouvir as crianças para entendermos o que elas pensam da televisão, e para perceber como elas lidam com a violência, a agressividade e o terror apresentados.

RONDELLI (1996) diz que a violência na televisão ultrapassa o fato social em si, passa a ser um produto comercial, garante a audiência e atrai a propaganda.

Segundo esta mesma autora, os estudos indicam que não há uma relação direta entre a violência transmitida e comportamentos violentos, a não ser que a pessoa tenha uma predisposição psicológica, ou viva em ambientes sociais que não reprimam comportamentos violentos.

FERRÉS (1996) aponta diferentes teses sobre a violência na televisão:

- tese da estimulação: a violência incentivaria a imitação, estimulando comportamentos agressivos ou ensinando-os;
- tese da habituação: as pessoas, ao verem tanta violência, acabam achando-a normal, e ficam insensíveis a ela;
- tese da inibição: as cenas apresentadas inibem o telespectador nas suas manifestações emocionais e comportamentos agressivos, principalmente se forem reprovadas pelo meio;
- tese da catarse: as cenas violentas fazem com que o telespectador descarregue as suas próprias tensões e sua agressividade.

Devemos nos preocupar com o tipo de resposta que poderemos ter. Segundo TODA Y TERRERO et al. (1996), as crianças pequenas, em seu desenvolvimento, realizam brincadeiras simbólicas, e os programas tornam-se meios de imitação para esta brincadeira, podendo confirmar comportamentos em crianças agressivas, incentivando-as a resolver problemas com brutalidade.

FERRÉS (1996) relata que a imitação é um processo que acontece inconscientemente, principalmente nas crianças. É preciso entender que, muitas vezes a criança se identifica

com um personagem pelos sentimentos despertados, e não por considerações ideológicas ou éticas.

## Linguagem

Para FERREIRA (1993), a linguagem é um dos aspectos culturais mais fortes que determina, de certa forma como apreendemos o mundo.

LUKIANCHUKI (1994) concorda com o autor acima e destaca a importância das relações entre a linguagem e o meio sociocultural, acreditando que há uma influência do meio sobre a linguagem, sendo significativa a atuação da linguagem como transformadora social e cultural. As visões de mundo se concretizam na linguagem, ou seja, a linguagem é mediadora entre o homem e a realidade, não podendo desvinculá-la de aspectos sociais.

Para ZORZI (1993) a linguagem é utilizada para representar os acontecimentos do passado, do presente e do futuro, porém, no desenvolvimento infantil, a linguagem inicial não tem esse papel, ou seja, não é representativa, apenas acompanha as ações, sendo necessário que o objeto esteja presente.

Segundo este autor, a representação só acontece na criança quando esta consegue desligar a ação da linguagem.

Para que a representação aconteça é necessário, segundo Piaget, diferenciar significados e significantes, que é a capacidade de simbolizar (ZORZI, 1993).

A função simbólica se forma por meio de linguagem, brincadeira simbólica e imitação. As imagens mentais também são importantes para a representação (ZORZI, 1993).

A representação simbólica, segundo ZORZI (1993), é a capacidade que a criança tem de evocar objetos ausentes ou situações passadas.

O mesmo autor explica que na evolução da linguagem observamos, primeiramente, que a ação é acompanhada da linguagem em situações concretas; depois, a linguagem é que passa a ser acompanhada da ação, como planejadora e orientadora das ações; e, por fim, há a dissociação da linguagem e da ação, a criança já é capaz de narrar fatos passados.

De acordo com ZORZI (1993), a linguagem tem estreita relação com o pensamento, e é gradativamente que as primeiras ações da criança se transformam em conceitos, função simbólica. Esta transformação conceitual marca o início das operações mentais.

O mesmo autor acredita que a linguagem “deve ser concebida no contexto da interação social, não simplesmente como meio de transmissão de informações, mas como projeção das próprias pessoas, veículo de trocas, de relações, como meio de representação e comunicação” (p. 27).

Para BALTAZAR (1991), antes que a linguagem possa ser prejudicada pela televisão, esta já conseguiu transformá-la significativamente.

### **Linguagem Audiovisual**

SILVERSTONE et al. (1995) argumentam que a linguagem específica da televisão é a narrativa, que buscou na tradição popular o contar histórias, o meio de atingir o público.

Por outro lado, autores questionam que a linguagem narrativa da televisão opõe-se à linguagem natural, uma vez que as unidades de significado da linguagem televisiva terão significados conotativos, de acordo com sua posição dentro da seqüência de imagens (SILVERSTONE et al., 1995).

A linguagem da televisão é autônoma, uma vez que não permite a participação do telespectador. Já a linguagem familiar ou escolar é mais simples, envolve expressões locais, regionalismos, na televisão não há este tipo de discurso (BALTAZAR, 1991).

Para BABIN & KOULOUMDJIAN (1989) a linguagem audiovisual é uma linguagem que se volta às raízes visuais e sonoras da língua. O som é mais fundamental que o próprio conceito, e as imagens verbais e gestos substituem raciocínios e construções bem ordenadas.

Portanto, ouvir a geração nova falar, ou ler suas produções textuais, é receber de forma deteriorada a linguagem audiovisual. “Frasas breves, expressões pesadas e sonoras, onomatopéias, acentuação vigorosa e ritmos irregulares, palavras e orações inacabadas, supressões de verbos, de artigos e de pronomes” (BABIN & KOULOUMDJIAN, 1989, p. 61).

### **Linguagem Audiovisual x Linguagem Literária**

Segundo FÉRRRES (1996), a linguagem verbal é uma abstração da realidade, e difere muito da linguagem audiovisual. O universo literário é estático e explicativo, favorece a reflexão e o conhecer, desenvolve uma atitude de concentração e faz com que o leitor tenha que identificar símbolos abstratos e convencionais, interpretá-los, e memorizar seu significado.

Além disso, desenvolve a capacidade de distanciamento dos símbolos, exige um esforço de compreensão e, sobretudo, potencializa o pensamento lógico, linear e seqüencial. O leitor é quem controla seu ritmo.

No entanto, o mesmo autor relata que a linguagem televisiva é um universo dinâmico, representa a realidade, favorece o reconhecer, é associativo, infiltra-se sem mediações, favorece o envolvimento emocional com os símbolos, é controlador da experiência e do ritmo do processo, não exige esforço, basta uma atitude de abertura.

Ressalta ainda que as duas linguagens não devem ser consideradas opostas, mas complementares, pois são diferentes, estimulam processos mentais diversos, desenvolvem capacidades e atitudes também diversas.

### **Linguagem Atual**

As características da linguagem utilizada atualmente são:

- redução de vocabulário: as crianças/jovens encontram dificuldades em nível lexical e não têm interesse em compreender as palavras desconhecidas;
- uma deterioração de vocabulário: antes havia duas linguagens — a oral, e a escrita (mais elaborada). Atualmente, os alunos só se utilizam da linguagem oral, que torna a linguagem escrita pobre, com frases curtas, estereotipadas, do tipo *slogan*;
- um desprezo pela escrita: a escrita não tem a mesma consistência nem permanência que um programa de televisão. Além disso, erros ortográficos não são mais um erro, pois todos escrevem como falam. Não estão interessados pela escrita, mas pelo ritmo e o acento primitivo;
- a fala é inacabada e a escrita é descozida: utilizam de gestos, abreviações, barulhos, até mímica para ajudar na sua fala ou suprir alguma palavra que falta. É uma linguagem cada vez mais descritiva, emocional e até física. É uma linguagem cada vez mais sem palavras;
- passagem do texto ao contexto: a linguagem está se enchendo de contextos e está ficando vazia de texto. Se observamos a linguagem, há quase ausência de conjunções, coordenações entre as palavras, mas que é preenchida pela expressão corporal, entoações e gestos;
- existe uma outra maneira de ouvir: é a crítica aos jovens por não gostarem de ler, por ser uma obrigação e não prazer. Mas o fato é que gostam de um outro tipo de leitura, como histórias em quadrinhos ou revistas;
- é mais visual: tem necessidade de ver para compreender, de traduzir mímicas e gestos. Poderíamos dizer que falta vocabulário? O vocabulário deles precisa da percepção sensorial, visual e sonora;
- houve a invasão do poético: a necessidade de exprimir-se através de poemas, canções, desenhos, grafismo, que não têm rigor em conceitos, deduções, mas em imagens. É mais uma consequência da relação entre imaginação e afetividade;
- não há conexões: se considerarmos a organização linear, podemos dizer que a linguagem do jovem é “sem pé nem cabeça”, mas há outras maneiras de se organizar o discurso. Algumas observações sobre outras maneiras de organização: o que importa é a visão global, do todo, e não as articulações e as ligações entre as partes; o emissor é um incitador de idéias, o estímulo

lo inicial é importante; a preocupação principal não é com relação à lógica do discurso, e sim a relação estabelecida entre o grupo; há necessidade de uma linguagem mais solta, livre, que use a imaginação e seja rápida (BABIN & KOULOUMDJIAN, 1989).

## Escola, Família e Televisão

No século XX, segundo FERREIRA (1993), o conceito de educação não é modelar o homem em abstrato, mas para uma determinada sociedade, como um meio de controle social. “É a vida em sociedade que, efetivamente, nos transforma em seres humanos” (p. 34).

Para FERRÉS (1996), a escola e a televisão devem ser complementares para contribuir com um aprendizado mais significativo.

FERREIRA (1993) compara o processo de socialização na família, que é feito através de contatos diretos, negociações da aplicação de normas e valores, com o processo de socialização feito pela televisão, que é diferente. A interação é indireta, a capacidade de interferir sobre o conteúdo é limitada, não existem sanções ou recompensas, e nem por isso deixam de ter poder sobre o comportamento humano.

Segundo CARMONA et al. (1996), devemos pensar em televisão como um meio permanente e contínuo de educação, pois nem todas as crianças têm a possibilidade de frequentar uma escola, mas quase todos os lares têm um aparelho de televisão.

BALTAZAR (1991) concorda com isto, pois acredita que a televisão, como um agente secundário, ou seja, um meio que pode fornecer informações, causando impacto direto sobre as atitudes, comportamentos e crenças de uma pessoa, só terá influência concreta sobre a criança caso não haja uma intervenção direta de um agente primário. A escola e a família têm papel fundamental para o entendimento dos valores mostrados na televisão; a orientação dos adultos promove uma aprendizagem mais significativa para a criança.

“Educar para os meios de comunicação, em síntese, é problematizar o que não é visto como problema, “desideologizar” o que só é visto como ideologia, sem perder as dimensões de lazer, alegria, entretenimento e modernidade fundamentais para o homem predominantemente urbano e solitário de hoje” (MORAN, 1991, p. 89).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho não é, de forma alguma, dizer se a televisão é boa ou má, mas procurar relacionar aspectos importantes que estão envolvidos no desenvolvimento da criança.

Com relação à televisão, o que é mais importante entender é como as crianças estão compreendendo as mensagens veiculadas, ou como elas estão apreendendo as imagens televisivas, que podem ser mais fortes do que o próprio conteúdo.

No que diz respeito à linguagem, podemos dizer que a televisão já a influenciou como um todo. Suas características sofreram várias modificações, ou seja, a linguagem atual tem características da linguagem audiovisual: é mais afetiva do que racional; o aspecto visual é importante; é dinâmica e menos elaborada, e com redução de vocabulário.

E não é só com relação à influência na linguagem, uma vez que outros aspectos negativos relacionados com a televisão foram apontados pelos estudiosos, como: hiperestimulação sensorial; perda do espírito crítico; redução do nível de inteligência; passividade; diminuição da capacidade de concentração; conhecimento dispersivo, incoerente, e sem contexto; redução de oportunidades da criança em estabelecer relações; e a violência.

Contudo, a escola e a família devem ser mediadores para o entendimento e orientação dos valores mostrados na televisão para promover uma aprendizagem mais significativa para a criança.

Mas a televisão tem também aspectos positivos que merecem ser destacados: é uma opção barata de entretenimento; traz gratificações sensoriais, mentais e psíquicas; há envolvimento emocional; apresenta e representa o mundo; e é um meio permanente e contínuo de educação.

Além disso, acredito que não só a televisão, mas outras invenções tecnológicas, como o computador, estão contribuindo para que as crianças cresçam “teledependentes.”

Finalizando, pode-se afirmar que a televisão e o computador, como fim em si mesmos, são elogiáveis, faltando, porém, que se lhe aprimorem os meios.

## BIBLIOGRAFIA

- BABIN, P. & KOULOUMDJIAN, M.F. — **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador.** São Paulo, Paulinas, 1989.
- BALTAZAR, J.M. — **Como a criança entende o que vê na TV.** São Bernardo do Campo, 1991. [Tese — Mestrado — Universidade Metodista de Ensino Superior]
- BERGER, R. — **A Tele-fissão alerta à televisão.** São Paulo, Loyola, 1979.
- CARMONA, B.; SANTORO, L.F.; OTONDO, T.; RÉGIS, M. — **Televisão e infância. Comunicação e Educação, 2 (5), jan./abr., 1996.**
- EURASQUIM, M.A.; MATILLA, L.; VÁSQUEZ, M. — **Os teledependentes.** São Paulo, SUMMUS, 1983.
- FERREIRA, R. M. — **Sociologia da educação.** São Paulo, Moderna, 1993.
- FERRÉS, J. — **Televisão e educação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

LUKIANCHUKI, C. — Linguagem: liberdade ou prisão? **Comunicação e Educação, 1** (1), set./dez., 1994.

MORAN, J.M. — **Como ver televisão: leitura crítica dos meios de comunicação.** São Paulo, Paulinas, 1991.

PORTO, T.M.E. — Televisão e escola: escolas paralelas. **Comunicação e Educação, 2** (4), set./dez., 1995.

RONDELLI, E. — Dez observações sobre mídia e violência. **Comunicação e Educação, 3** (7), set./dez., 1996.

SILVERSTONE, R. — Televisão como mito e ritual. **Comunicação e Educação, 1** (1), set., 1994

TODA y TERRERO, J.M. de; AGUIRRE, J.M.; CERVERA, R.C. — A violência nos meios de comunicação. **Comunicação e Educação, 3** (8), jan./abr., 1996.

ZORZI, J.L. — **Aquisição da linguagem infantil: desenvolvimento, alterações, terapia.** São Paulo, Pancast, 1993.

**Endereço:**

Rua Dr. Paulo Vieira, 374, ap. 93-A

Sumaré - São Paulo - SP

01257-000

Tel.: (11) 212-8084